

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **PELOS TRILHOS BIOGRÁFICOS DE JOÃO DE MEIRA (1881-1913).**

ARAÚJO, Francisco Miguel

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

---

### **Como citar este documento:**

ARAÚJO, Francisco Miguel, Pelos trilhos biográficos de João de Meira (1881-1913).  
*Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 85-101.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# PELOS TRILHOS BIOGRÁFICOS DE JOÃO DE MEIRA (1881-1913)

---

Francisco Miguel Araújo<sup>1</sup>

## Resumo:

Na comemoração do primeiro centenário do seu falecimento, o vimaranense João de Meira (1881-1913) mereceu as mais justas homenagens da sua cidade natal, contrariando uma certa omissão da sua história de vida no decorrer das décadas passadas. Médico, historiador, professor, cientista, escritor e até médium, em meras três décadas de vida várias foram as dimensões a que dedicou o seu intelecto e predileções científicas e culturais, algumas verídicas, outras fantasiosas... Fruindo de uma recente e aprofundada investigação história sobre João de Meira e o seu contexto familiar e social, delinea-se neste ensaio biográfico uma nova abordagem à sua vida pessoal e carreiras profissionais, salientando um dos espíritos portugueses mais eruditos na transição para o século XX.

**Palavras-chave:** João de Meira, Guimarães, História da Medicina, Biografia.

Ao terminar a escrita do ensaio biográfico de João de Meira para a coletânea *Biografias Vimaranenses*, em meados de 2012, a proximidade do primeiro centenário do seu falecimento suscitou-me, então, o registo destas últimas palavras:

*«A poucos meses do centenário do falecimento de João Monteiro de Meira, uma questão impõe-se no final desta pequena nota biográfica que o procurou resgatar: não será hora de, com solenidade e inteira justiça, se considerar uma homenagem a tal personalidade vimaranense que nunca olvidou as suas origens?...»*  
(Araújo, 2013: 334).

Felizmente, a direção da Sociedade Martins Sarmento não deixou de comemorar esta efeméride<sup>2</sup>, justíssima para uma personalidade e uma família que tanto contribuíram para o seu engrandecimento institucional, trazendo à ribalta em Guimarães um seu conterrâneo que se vinha já olvidando na sua memória coletiva!

---

<sup>1</sup> Investigador do CITCEM e doutorando da Faculdade de Letras da U.Porto|Fundação para a Ciência e a Tecnologia - firmi.araujo@gmail.com.

<sup>2</sup> Sessão evocativa realizada no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, a 30 de novembro de 2013.

Se é certo que subsistem alguns vestígios físicos por Guimarães do nome de João de Meira – uma rua e um agrupamento de escolas que o elegeu como seu patrono –, quantos dos vimaranenses serão capazes de identificar quem foi esta personalidade tão fascinante e complexa: um médico, um professor, um historiador, um escritor, um intelectual ou talvez um espírita?! Algumas delas respostas válidas, muitas até coincidentes entre si e outras simples equívocos fantasiosos proporcionados pela sua multifacetada personalidade. Pois, os testemunhos que foram sobrevivendo tendem a ilustrar visões fragmentadas sobre o homem, muito graças aos registos memorialistas e artigos de imprensa que foram devotados à sua relevância social e cultural, deixando à margem a esfera mais privada e familiar do homem *per si*...

Não se pode, naturalmente, compreender os trilhos biográficos de João de Meira fora de um contexto familiar e social da época, que condicionaram o seu percurso familiar, académico, profissional e científico-cultural. Numa altura em que Guimarães conhecia um extraordinário ritmo de desenvolvimento económico e de projeção nacional, posicionando-se entre os principais centros culturais de Oitocentos, Portugal debatia-se entre a falência da Monarquia Constitucional e a eclosão da República, com uma transmutação que atravessava todos os domínios da vida humana. Aqui, reside o cerne deste singelo contributo centrado na sua história de vida com factos inéditos e que procura contextualizar também a sua produção intelectual.

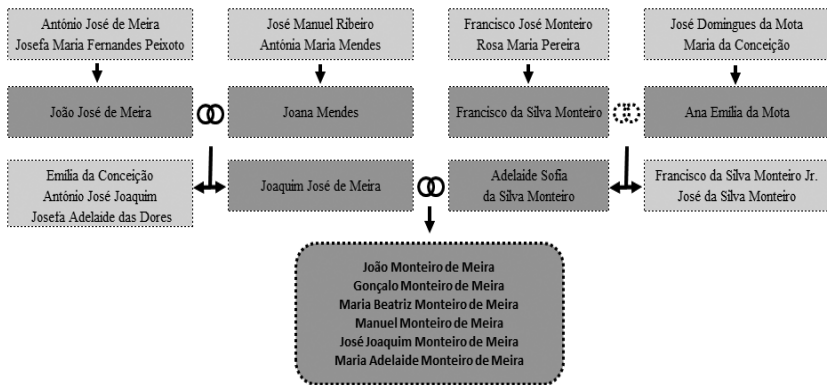
## 1. Os Meiras de Guimarães: notas genealógicas

Sobre as origens familiares dos Meira de Gominhões são antiquíssimas as referências paroquiais, desde os primeiros registos impostos pelo Concílio de Trento no século XVI, caso de Heitor de Meira, escrivão judicial do termo de Guimarães, ou de Baltazar de Meira, arcipreste da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Na casa do Picouto de Baixo dessa freguesia, dos abastados proprietários rurais João José de Meira e Joana Teresa Mendes, nasceu Joaquim José de Meira (1858-1931), diplomado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1880.

Nas proximidades do Largo do Tournal, nasceria aquela que viria a ser a sua esposa, Adelaide Sofia da Silva Monteiro (1863-1941), filha natural de Francisco da Silva Monteiro e Ana Emília Teixeira da Mota, que completara a sua educação como pensionista num convento de religiosas. Conta-se entre a família que terá sido nas carreiras de diligências entre Porto, Braga e Guimarães que ambos se conheceram e se enamoraram, unindo-se pelo matrimónio, em outubro de 1880, na igreja matriz da terra natal do noivo<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livro Paroquial de Casamentos de Gominhões: 1841-1891* (P-974), fl. 44v-45.

De qualquer um destes ramos familiares (Figura 1), a parentela alargada dispunha de algum fulgor económico, sabiamente aproveitado como instrumento de promoção social, como no caso do próprio Joaquim José de Meira que pudera almejar a uma formação académica no ensino superior portuense. Ou também o caso do seu tio-avô, o Padre Manuel José de Meira, prior de Gominhães, e o do cunhado José da Silva Monteiro, bacharel por Coimbra e que chegaria a juiz-conselheiro do Supremo Tribunal e ministro da Justiça em 1928.



**Figura 1**

Arvore genealógica da família vimaranense Monteiro de Meira

Fonte: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livros Paroquiais* (1783-1896)

O recém-casal Monteiro de Meira instalou o seu lar num prédio da rua de D. João I, com o número 95 e que manteve ao longo da vida, bem perto do centro nevrálgico da cidade, após a nomeação do chefe de família para o lugar de cirurgião no Hospital da Misericórdia de Guimarães. Em menos de um ano nasceria aí o seu primogénito, na tarde de 31 de julho de 1881, a quem deram o nome de João Monteiro de Meyra<sup>4</sup>, batizado na desaparecida Igreja de São Paio e tendo como padrinhos os avós paternos<sup>5</sup>. No espaço de uma década a ele se juntaram mais cinco irmãos: Gonçalo (1882-1967), Maria Beatriz (1883-1974), Manuel (1885-1890), José Joaquim (1887-1911) e Maria Adelaide (1892-1986), dos quais apenas o terceiro destes não sobreviveu à infância.

<sup>4</sup> No respeito pela grafia da época e que João de Meira ainda irá conservar na sua assinatura e rubricas, praticamente até perto do seu falecimento.

<sup>5</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livro Paroquial de Batismos de São Paio: 1880-1886* (P-979), fl. 25-25v.

A posição conquistada pelo pai ao nível profissional garantiu um modo de vida familiar tipicamente burguês, cimentando assim um lugar entre as elites da cidade e relações sociais privilegiadas com personalidades eminentes do burgo e de antigos camaradas de estudo – Roberto Frias, Júlio de Matos, Basílio Teles, Júlio Franchini, entre outros –, com as temporadas em férias partilhadas entre as propriedades da família em Gominhões e os banhos na Póvoa de Varzim, além do claro incentivo a uma sólida educação académica e literária aos descendentes varonis.

De resto, a sua reputada carreira como clínico nos hospitais locais impulsionou a nomeação de Joaquim José de Meira para outros cargos de chefia política e de intervenção cívica, convergindo o seu nome a um dos períodos áureos da localidade: procurador à Junta Geral do Distrito (1883-1885), organizador da Exposição Industrial de Guimarães (1884), professor e diretor da Escola Industrial Francisco de Holanda (desde 1884), provedor da Misericórdia (1886-1887) e vogal, vice-presidente e presidente da Câmara Municipal de Guimarães (intercalado entre 1887-1904). Na Sociedade Martins Sarmento, agremiação cultural dedicada aos estudos vimaranenses e constituída nesse final do ano de nascimento do filho João, assumiu a presidência durante um mandato (1889-1905) e ainda a direção da sua “Revista de Guimarães” (1900, 1901 e 1905-907), concorrendo toda a família como sócios e colaboradores nas muitas atividades que então se iam desenvolvendo.

Neste ponto, a figura de Joaquim José de Meira foi certamente de uma enorme influência na construção de muitos dos traços revelados pelas personalidades dos seus filhos, presumivelmente sobrepondo-se aos primeiros cuidados e orientações da esposa nos anos de meninice, especialmente no seu primogénito que lhe prestaria reconhecimento público como pai querido e mestre laborioso na sua formação intelectual. Do patriarca acabou por herdar magistralmente algumas características imutáveis: a sólida fé católica, a orientação política regeneradora-liberal como monárquico e apoiante de João Franco, a escolha inicial do percurso académico e profissional e o amor pela sua terra natal numa procura da sua dignificação nacional.

## **2. A formação pessoal, académica e intelectual de João de Meira (1891-1907)**

O período da infância de João de Meira será recordado como um tempo tranquilo e feliz no seio do núcleo familiar, descobrindo e aprimorando os seus talentos na leitura e na escrita, somente interrompido com a entrada como aluno interno no Colégio de S. Dâmaso, instalado no Mosteiro de Santa Mariinha da Costa, para cumprir o ensino elementar e liceal. Entre 1891-1896, João de Meira apurou a sua educação num leque diverso e completo de disciplinas científicas, humanísticas, artísticas e cívicas, aí tendo também o primeiro

reconhecimento de uma inteligência precoce: distinções nos exames finais a Matemática, Física e Inglês, diploma de mérito literário em 1894 e de orador representante da sua classe nas galas escolares (Quadro 1).

Ano lectivo	Disciplina	Mérito académico
1891-1892	Francês	*
1892-1893	Inglês	Distinto
1893-1894	Latim (1. <sup>a</sup> parte)	*
	Literatura	*
	Física	Distinto
1894-1895	Matemática (1. <sup>a</sup> parte)	Distinto
	Física (1. <sup>a</sup> parte)	Distinto
	Desenho (2. <sup>o</sup> ano)	*
1895-1896	Física	*
	Matemática (5. <sup>o</sup> ano)	*
	Filosofia	*
	Matemática (6. <sup>o</sup> ano)	*

### Quadro 1

Percurso académico nos ensinos elementar e liceal de João de Meira

Fonte: *Crenças & Letras*, revista do Colégio de S. Dâmaso (1891-1896)

A aventura continuaria na posse do diploma liceal aos 15 anos de idade, abandonando Guimarães e os seus para se instalar no Porto na prossecução dos estudos superiores, anos de mocidade vividos com a normal intensidade e até mesmo um ou outro devaneio típico de um jovem na senda da independência. O acesso à Escola Médico-Cirúrgica exigia um curso preparatório prévio de três anos na Academia Politécnica do Porto com as disciplinas de Física, Química, Zoologia e Botânica, logo cumprindo o mesmo percurso académico que o seu pai fizera anos antes. Ambas eram instituições locais de ensino superior conceituadas, embora à sombra do prestígio exclusivo da Universidade de Coimbra, onde os irmãos Gonçalo e José Joaquim vieram a matricular-se, posteriormente, para cursarem as Faculdades de Direito e de Medicina, respetivamente.

O candidato a médico-cirurgião instalou-se numa república estudantil na rua dos Mártires da Liberdade e foi acolhido dentro de um grupo *suis generis* de apetências literárias e artísticas, firmando amizades sólidas com Joaquim

Alberto Pires de Lima (depois seu colega na docência universitária), Augusto Castro (diplomata e diretor do *Diário de Notícias*), Torquato Pinheiro (tenente-médico), Paulo Osório (jornalista e escritor), José Bruno Carreiro (advogado e jornalista), entre outros. Aos amigos e companheiros destes tempos devemos as primeiras impressões para delinear um retrato físico e psicológico mais assertivo. De figura sobressaíam os olhos azuis e aveludados, os longos cabelos ondulados e revoltos e o vestuário simples e algo descuidado, em desacordo com o polido figurino cidadão, que pouca preocupação lhe causava. Em termos de personalidade, uma postura grave e nobre, um feito solitário e meditativo, por vezes rude quando atacado nos seus ideais e crenças, mas que escondia um jovem humilde, íntegro e afetuoso (COSTA, 1921).

Já então os mais próximos notavam uma das suas grandes paixões, atestadas às excelentes capacidades de memorização e reflexão, a dos livros e das leituras dos mais variados géneros (romances, poesia, técnicos, históricos, etc.), quer dos autores portugueses, quer dos autores internacionais que regularmente lia nas suas línguas originais. Dos muitos livros que procurava nos alfarrabistas e com os quais enchia o seu pequeno quarto destacavam-se três nomes: Antero de Quental na poesia, Martins Sarmento na História e Arqueologia e Camilo Castelo Branco na novela, que sempre lamentou ser preterido em favor de um Eça de Queiroz mais popular. Na convivência com esse grupo de íntimos, quer entre os cafés “Camanho” e “Suíço” ou a livraria “Britos de Barros”, quer nas casas uns dos outros, envolviam-se em projetos e discussões de lançamento de revistas, de recensões críticas das suas leituras, da escrita de poemas e contos, da troca de confidências e aspirações.

Joaquim Alberto Pires de Lima, de resto, confessou a grande amizade fraternal que sempre o ligou ao colega de Guimarães, sendo dos poucos a recordá-lo nas suas memórias nos anos subsequentes:

*«Quando vim para o Porto há cinquenta anos precisamente, caí num seio de rapazes que empregavam as horas vagas na leitura de romances [...]. Desses afeiçoei-me a dois como se fossem irmãos, João Monteiro de Meira e José Bruno Tavares Carreiro, ambos inteligentes e ilustrados, mas com orientação espiritual muito diversa. João de Meira admirava Camilo Castelo Branco e Bruno Carreiro o Eça de Queiroz.»* (PIRES DE LIMA, 1947: 55-56).

Durante este primeiro ano de estadia na cidade invicta, João de Meira, autoriza a publicação no jornal *Comércio de Guimarães* de alguns dos seus sonetos, tanto os assinando em nome próprio como sob recurso a pseudónimos que se assumiram uma constante nos anos seguintes – *H.*, *Homo*, *Stelio*, *Nasatus*, *Diabo* e outros –, subterfúgio para esconder da família esta inclinação criativa

ou simples abnegação e humor refinado?! Pois até, aquando da publicação do seu próprio jornal *A Parvónia* (1898), um pequeno jornal de arte e crítica em que se assume como o responsável pelos artigos de fundo e poemas, perante a receção exaltada a algumas das perspetivas transcritas ditou o bom senso que o extinguisse ao final de apenas cinco números. E ainda assim, não obstante a sua lucidez, disciplina e sólida cultura que vinham amadurecendo, esta sua inclinação literária com a leitura e a escrita dos seus próprios originais contribuiu para um atribulado percurso académico (Quadro 2).

Ano lectivo	Estabelecimento	Cadeira	Mérito académico
1896-1897	Academia Politécnica do Porto	Física (1.ª parte)	*
		Química inorgânica geral (1.ª parte)	*
1897-1898		Física (1.ª parte)	*
		Química orgânica e analítica	*
		Química orgânica e analítica	*
1898-1899			Botânica
		Zoologia	*
1899-1900	Escola Politécnica de Lisboa	Química orgânica e analítica	*
1900-1901	Escola Médico-Cirúrgica do Porto	Anatomia descritiva (1.ª parte)	*
1901-1902		Anatomia descritiva (1.ª parte)	*
		Anatomia descritiva (2.ª parte)	Distinto
1902-1903		Fisiologia	Distinto
		Patologia geral	*
		História natural dos medicamentos	Distinto
1903-1904		Patologia e terapêutica externa	Distinto
		Anatomia Patológica	*
		Higiene	2.º Accessit
1904-1905		Medicina Operatória	*
		Patologia e terapêutica interna	*
		Partos	*
		Clínica médica	*
1905-1906		Clínica cirúrgica	*
		Medicina legal	Distinto

## Quadro 2

Percurso académico no ensino superior de João de Meira

Fonte: *Anuário da Academia Politécnica do Porto*  
e *Anuário da Escola Médico-Cirúrgica do Porto* (1891-1896)

A disparidade de interesses e as sucessivas reprovações nos exames finais a algumas das cadeiras, o que fez com que no final dos três anos previstos não



tivesse findo o curso preparatório, levaram a uma séria intervenção do Dr. Joaquim José de Meira que envia o filho João para a Escola Politécnica de Lisboa a fim da aprovação académica em falta. Este ano passado na capital transmite, pelos seus poucos escritos à data, uma experiência marcada pelo saudosismo e a solidão, colaborando ocultamente na revista literária vimaranense *A Memória*, mas permitindo-lhe regressar com as certidões necessárias para a matrícula na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, rubricada a 15 de setembro de 1900.

Ironia das ironias, logo no 1.º ano ficou reprovado à cadeira única de Anatomia, regida pelo professor João Lebre, diz-se como represália à resposta satírica que esse lhe terá dirigido aquando de um reparo à pouca legibilidade da sua caligrafia! Afortunadamente, os outros anos do curso de cinco anos entre 1901 a 1906 foram sendo cumpridos integralmente conforme o estipulado e com melhores classificações, rondando sempre os 15 e os 16 valores, num total de seis distinções escolares no conjunto global das treze cadeiras ministradas: Anatomia Descritiva Geral (2.ª Parte), Fisiologia, História Natural dos Medicamentos e Matéria Médica, Patologia e Terapêutica Externa, Higiene e Medicina Legal.

O que jamais inviabilizou a fuga da sua veia literária para novas colaborações, das quais se citam as mais relevantes na multiplicidade das entradas compiladas: um dos fundadores e principal redator d'*O Independente* (1901-1911), autor dos jornais humorísticos dos alunos da sua escola *Pontas de Fogo* e *A Pasta* (1902-1903), as primeiras entradas n'*A Medicina Contemporânea* (1904) e na *Revista de Guimarães* (1905-1910) ou o *Estudos da velha história pátria: o livro de Mumadona* (1906). Nestes últimos, matizando já o seu perfil de historiador, procura conferir a cientificidade aos tradicionais relatos da história de Guimarães, sem medo de levantar polémicas contra os mitos das origens e desenvolvimento do burgo que vinham subsistindo na historiografia local.

Em conluio com o irmão mais novo aceitou ainda escrever poemas para o seu álbum de caricaturas *Was Murret Ihr – Na Rua?* (1905-1906), uma obra que ficou sempre reservada à família e aos seus íntimos e que hoje se encontra na biblioteca da Sociedade Martins Sarmento, no qual foi garatujando outros escritos até à morte de José Joaquim. No último ano do curso, em 1906, integrou a comitiva de estudantes portugueses numa visita a Paris, constatando a mediocridade do nosso país com a capital do progresso, também ela falha de alguma finura em certos pontos, preferindo adiar por alguns meses a defesa do “Acto Grande”.

Esta derradeira prova académica consistia no interrogatório sobre temas previamente selecionados para cada uma das cadeiras e uma dissertação original sobre um tema médico-clínico. Por comparação à maioria dos colegas, que procuravam desembaraçar-se dela com trabalhos mais preambulares, considerou João de Meira que esta última prova lhe merecia um tratamento mais sério

e a escrita de uma tese de valor, que o absorveu em pesquisas documentais, relatórios clínicos e em múltiplas leituras para a sua elaboração. Para o efeito, recorreu à orientação e auxílio do pai em emotiva dedicatória, ao Abade de Tagilde, a João Lopes de Faria, a Avelino Germano e a outros na elaboração d'*O concelho de Guimarães (estudo de demographia e nosographia)*.

A 30 de janeiro de 1907, prestou enfim as provas perante o júri académico da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que lhe concederam a quase excepcional nota máxima de 20 valores, surpreendendo alguns dos professores pelo labor, eloquência e originalidade desse trabalho. De todos os capítulos, o de “História” mereceu rasgados elogios por nomes como Ramalho Ortigão, Teófilo Braga ou Henrique da Gama Barros, evidenciando uma investigação de fontes inéditas com importantes achegas e retificações da história vimaranense, numa das suas primeiras obras de carácter verdadeiramente científico. A nota final do curso superior cifrou-se numa classificação de Bom – 16 valores, apenas menos um valor do que o colega Dr. Aarão de Lacerda, seu antigo professor na Academia Politécnica do Porto e doutor pela Universidade de Coimbra.

### 3. Os anos do ocaso (1907-1913)

Aos 25 anos regressava João de Meira a Guimarães, cimentando a sua maioridade com a preparação do seu futuro profissional, estabelecendo-se como médico particular e auxiliando o pai em algumas operações cirúrgicas no Hospital da Misericórdia, em paralelo com a de jornalista n' *O Independente*. Em setembro de 1907, foi aprovado em concurso para professor provisório no Liceu-Seminário de Guimarães, com a regência das cadeiras de Matemática e Francês, bem como de clínico interino no Hospital S. Domingos, defronte da residência familiar.

Cerca de um mês depois contraiu matrimónio com Madalena Baptista Sampaio (1879-1961), proveniente de uma das mais prestigiadas famílias vimaranenses, neta do comendador João Baptista Sampaio e aparentada com os condes de Margaride<sup>6</sup>. A cerimónia foi celebrada na capela de Nossa Senhora do Bom Despacho em Gominhães, a 19 de outubro, gozando aí os noivos a sua lua de mel na casa de família.

Longe de se imaginar um ocaso próximo, aqueles que viriam a ser os últimos cinco anos da existência física de João de Meira, entre 1908 a 1913, aparentam ter sido de uma feliz convergência dos seus múltiplos interesses e dons com um reconhecimento cada vez mais visível das suas múltiplas facetas... Além da *Revista de Guimarães* e de muitos outros periódicos de informação e literários, passaria a colaborar com vários artigos na *Gazeta dos Hospitais do Porto*, ins-

<sup>6</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livro Paroquial de Casamentos de São Paio: 1897-1911 (P-1421)*, fl. 8v-9.

tigado pelos seus antigos lentes para que ponderasse uma carreira na docência do ensino superior. A oportunidade materializou-se logo em inícios de 1908, com a abertura do concurso público para lentes substitutos da secção cirúrgica no seu estabelecimento de formação, ao qual concorreu contra José d'Oliveira Lima e Álvaro Teixeira Bastos (Almeida 1908: 281-286).

A complexidade das provas exigidas pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto – argumentação de duas lições orais, um relatório de provas práticas em clínica e a defesa de nova tese, que dedica à ainda inovadora técnica de cesariana e intitulou *O Parto Cesáreo: sua historia, sua technica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognostico* –, confirmaram a superioridade do seu intelecto com a atribuição do primeiro lugar e do posto de lente substituto de Cirurgia em maio, ainda nem completara os 27 anos, com um ordenado fixo de 400 mil réis. Entre os arguentes na discussão das provas destacavam-se o futuro ministro António de Sousa Júnior, Roberto Frias, Carlos Lima e o amigo Joaquim Alberto Pires de Lima, nomeado dois anos antes para idêntica função, mas na secção médica.

No decorrer do concurso, as provas foram suspensas pelo luto nacional decretado pelo episódio do regicídio de D. Carlos I, que certamente perturbou o ambiente em casa dos Meira, especialmente após a queda em desgraça de João Franco e os naturais temores do avanço do ideário republicano contra as instituições monárquicas e católicas. Meses antes, aquando da visita do então presidente do conselho à capital do norte, a 22 de junho de 1907, a família Meira prestara todo o seu apoio ao já muito contestado governante:

*«Eu assisti a vários tumultos, como por exemplo, à chegada à estação de S. Bento, dos delegados da cidade de Guimarães ao jantar de homenagem a João Franco. [...] A multidão ululante insultava os de Guimarães; e alguns desordeiros assobiavam desalmadamente. No grupo dos vimaranenses, ia um estudante de Medicina, que depois veio a ser o ilustre professor João de Meira. Irritado com os apupos e com os assobios, o valente Meira interpelou violentamente um dos díscolos, que, por acaso, era um estimado médico, director de um jornal alpoïnista.» (Pires de Lima 1948: 176-177).*

Porém, a 15 de agosto de 1908, as preocupações terão sido amenizadas com o nascimento de uma nova geração, o primogénito de João de Meira e Madalena Baptista Sampaio – Joaquim Sampaio de Meira – que nascia na mesma casa do pai e mantendo-se a tradição familiar na escolha do mesmo pároco, igreja e do nome do avô paterno, que apadrinhou o recém-nascido<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livro Paroquial de Batismos de São Paio: 1907-1911 (P-1798)*, n.º 39 de 1908, fl. 16v-17.

Em outubro desse ano, com a abertura do ano letivo na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, o novo lente substituto fixa residência com a sua jovem família na rua do Vale Formoso, alugando aí casa para prestar as suas tarefas escolares na substituição dos lentes e acompanhamento dos alunos nos trabalhos práticos. E embora para assumir essas funções João de Meira fosse compelido a rescindir todos os contratos profissionais em Guimarães, o regresso às origens era uma constante nas alturas das férias escolares e nos tempos livres permitidos pela sua agenda. Numa dessas estadias, no verão de 1909, perde o seu único filho aos onze meses de idade, a seu mando sepultado no jazigo familiar dos Meira no adro da Capela de Nossa Senhora do Bom Despacho.

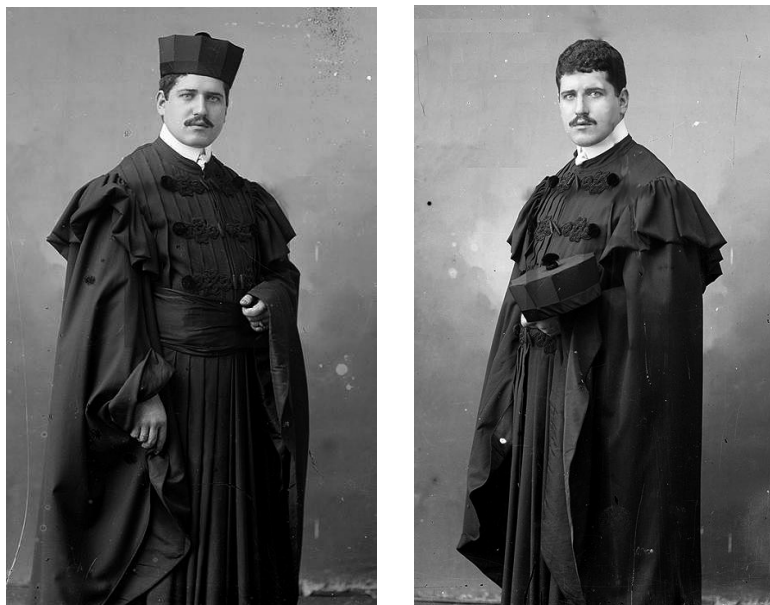
No regresso à Invicta para mais um ano letivo, o casal optaria por alugar nova residência, agora na contígua Rua da Rainha, que os republicanos estavam prestes a alterar para Antero de Quental, uma das suas referências literárias. Perante o pedido de licença de Maximiano Lemos dos compromissos docentes, o conselho escolar da Escola Médico-Cirúrgica do Porto decide entregar a João de Meira a regência da cadeira de Medicina Legal e a direção da Morgue do Porto, cargo este por inerência da própria disciplina onde se sucediam os trabalhos práticos. Quanto ao apelidado “pai da História da Medicina em Portugal”, a relação com o seu substituto assumia as características de um novo mentor, com Maximiano Lemos a estimular a continuidade da sua vertente de investigação histórico-médica e preparando-o informalmente para ser o seu eventual sucessor na cátedra. O que justificará o convite para assumir consigo a direção de uma nova série dos famosos *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* (1910-1912).

Por outro lado, com o nascimento da filha Virgínia Adelaide, a 30 de abril de 1910, recuperou as alegrias da paternidade daquela que veio a ser a sua única descendente, voltando a bisar-se as escolhas no local de nascença, cerimónia e padrinhos de batismo, a última Baptista de Meira em ausência de linhagem quando faleceu em 1988<sup>8</sup>. O triunfo da I República proporcionou nova ascensão na carreira académica de João de Meira, mau grado a sua postura tendencialmente monárquica e católica, com a criação da Universidade do Porto em 1911, numa promoção das antigas escolas superiores aí existentes.

Na transformação do seu estabelecimento educativo em Faculdade de Medicina e com o novo quadro legal instituído, foi-lhe atribuído o lugar máximo de professor ordinário da 3.<sup>a</sup> classe: Farmacologia e Ciências Naturais, partilhada com o Dr. Aarão de Lacerda da Faculdade de Ciências que lecionava a segunda das partes partes. Na prática, por conveniência do serviço, Meira foi mantido na cadeira de Medicina Legal e na direção da Morgue do Porto,

<sup>8</sup> Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, *Livro Paroquial de Batismos de São Paio: 1907-1911 (P-1798)*, n.º 31 de 1910, fl. 13v-14.

demonstrando algum desconforto pelo embargo governamental da criação da cadeira de História da Medicina, a exemplo do sucedido na congénere lisboeta.



**Figura 2**

Retratos de João Monteiro de Meira<sup>9</sup>

Fonte: *Colecção de Fotografia da Muralha* («Reimaginar Guimarães»)

Até finais do ano de 1912, o lente vimaranense sintetizaria a diversidade da sua produção intelectual para se consagrar como professor, historiador e escritor, assolado por alguns apontamentos pessoais e nacionais que anunciavam a tragédia que o assombrava.... Na qualidade de professor e cientista, persistiu na publicação de artigos em revistas científicas da especialidade, foi o tradutor do livro *Maravilhas da Vida: estudos de philosophia biologica, para servirem de complemento aos Enigmas do Universo*, do naturalista alemão Ernest Haeckel para a Livraria Chardron (1910), orador em conferências científicas e culturais no Porto e em Guimarães, autor da primeira *Oração de Sapiência da Faculdade*

<sup>9</sup> Datados como sendo de 1907, ambos os retratos apresentam João de Meira trajando a beca e o “chapéu de cantos”, associados aos lentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pelo que a sua captura terá sido posterior a 1908 quando ingressou no corpo docente. O primeiro dos retratos, indiscutivelmente, será o modelo para os dois retratos a óleo que dele se conservam na Sociedade Martins Sarmiento (por Abel Cardoso) e no Museu de História da Medicina Maximiano Lemos da Faculdade de Medicina do Porto (de Acácio Lino).

de *Medicina do Porto* (1912) e coreactor dos *Anais Científicos* desta mesma escola com o colega Teixeira Bastos (1913-1914).

Como historiador, claramente numa linha de pensamento positivista dominante desde finais de Oitocentos, onde uma orientação científica e criteriosa da verdade o levava a uma procura incessante das fontes históricas originais e inéditas para contestar velhas lendas da tradição oral, o tom erudito e científico de revisão e inovação do discurso historiográfico granjearam tanto aplausos como censuras. Em particular, quando refutava claramente certas prerrogativas da história de Guimarães, explicitando com a documentação existente a inverosimilhança de factos históricos como a fundação do burgo antes de Mumadona Dias, o local de nascimento de São Dâmaso ou de D. Afonso Henriques, o local da Batalha de São Mamede, entre outros (MEIRA, 1921). Na linha destes seus artigos e pequenas notas sobre a história local, a Sociedade Martins Sarmento elegeu-o para suceder ao Abade de Tagilde na organização e publicação dos *Vimaranis Monumenta Historica*, em finais de 1912, onde não chegaria a liderar tal iniciativa pois surgiam os primeiros indícios de doença.

E, por fim, como escritor dotado de um estilo literário original, mesmo que recorrendo quase sempre ao uso de pseudónimos, revelando uma capacidade de assombrosa de transportar as imagens, estilos e expressões dos autores nos quais alargara a sua bagagem cultural desde a mocidade... Imitações ou “pastiches” de qualidade superior que se chegavam a confundir com o estilo original dos literatos enunciados, mas jamais plágio – tal como frisava no caso das muitas influências estrangeiras em Eça de Queirós que não negavam o mérito da sua escrita – até porque neles encontramos temas, personagens e factos que se ligam intimamente com a sua própria vida e oferecem as pistas para chegarmos ao seu verdadeiro autor.

Por exemplo, em setembro de 1910, o soneto *Terror* de Antero de Quental um inédito supostamente descoberto por um vila-condense Miguel de Costa Maia, enviado para o *Diário da Tarde* mas sem registo fotográfico por a tinta estar desbotada; e o ainda mais célebre poema *A Loira* de Cesário Verde, enviado por um tal de José do Nascimento Monteiro de Guimarães, como tendo sido descoberto num álbum de uma senhora e as dúvidas se seria um original ou se teria sido publicado em algum título efémero<sup>10</sup>. Enquanto, no ano seguinte e a propósito da jubilação de Maximiano Lemos, outros dois pequenos opúsculos *In Memoriam e Reincidência*, com versos e prosas de autores antigos e coevos em que pontua o mestre como tónica comum em todas essas composições.

Já na revista *Mundo Ilustrado: jornal de viagens e de aventuras de terra e mar*, perfilhado entre os grandes nomes da cultura nacional – Júlio Dantas,

---

<sup>10</sup> Paradoxalmente, só em 1958 foi contestada a sua autenticidade por Joel Serrão, o que não impede, ainda hoje, que em algumas coletâneas de poesia de Cesário Verde não se continue a registar a sua inclusão!

Guerra Junqueiro, Raul Brandão, etc. – assinava como Donan Coyle os romances policiais *Sherlock Holmes no Porto: O cadáver que se evade* e *O “truc” de Mr. Raymond*, além de um pressuposto conto de Camilo Castelo Branco *Eusébio Macário em Guimarães: capítulos suplementares á Corja*.

Conquistas pessoais que não foram suficientes para uma progressiva mudança de personalidade e um evidente abatimento moral, segundo apontaram os conhecidos cada vez mais circunspecto e taciturno, que o levavam a se enclausurar nos livros da sua biblioteca e na companhia da família. Algo a que não seria alheio a morte do irmão mais novo, no outono de 1911, que uma meningite tuberculosa roubara na flor da idade, e a ausência de uma resposta oficial aos pedidos da Faculdade de Medicina do Porto para se lhe atribuir a nova cadeira de História de Medicina, como justiça ao pioneirismo da instituição nesta área científica e reconhecida junto da comunidade científica internacional.

No advento de 1913, o seu estado de saúde começava a fragilizar-se e os sinais de uma doença fulgurante a manifestar-se... Nos primeiros meses, João de Meira ainda deu encaminhamento a alguns projetos: novos “pastiches” de poesia e um auto vicentino *Jubileu de Amores*, há muito perdido e que Carolina Michaëlis apresentara provas convincentes de ter sido representado à corte de Carlos V na Flandres, peça decisiva pelo seu conteúdo crítico para a instalação da Inquisição em Portugal. Importa dizer que este suposto auto perdido deixado propositadamente incompleto, foi enviado no seu próprio nome e da sua antiga morada portuense, com a indicação de que o encontrara entre o espólio de um convento de Alenquer comprado num alfarrabista em 1878, ou seja, ainda antes de ter nascido!

Ou o seu último ensaio historiográfico a conferência *Guimarães: 950-1580* para a gala solene da Sociedade Martins Sarmento, que não apresentou por não se ter comemorado a 9 de março a efeméride do nascimento do seu patrono, numa altura em que abandonara o Porto em busca da convalescença. Mais tarde oferecida à direção pelo progenitor, nele procedia à súmula dos factos históricos cientificamente comprovados e com proposições pertinentes quanto a muitas das barbaridades que se continuavam a afirmar sobre a localidade.

A fim de “apanhar ares” partiu com a mulher e a filha para Gominhães, vivendo entre as casas da família do Arrabalde e do Picouto de Baixo, durante sete meses de uma agonia e definhamento incessantes. Embora a causa de morte nunca tenha sido oficialmente apontada em nenhum registo tornado público, todos os indícios apontam para uma qualquer sequele provocada pela tuberculose, ainda impossível de cura como uma família de clínicos bem o saberia. Nem mesmo com o pai Joaquim José de Meira a suspender a sua atividade clínica nos hospitais locais para dar o seu apoio e conforto moral, nem com os muitos médicos consultados um pouco por todo o país incapazes de ministrar um tratamento conveniente para aliviar o seu sofrimento.



Pelas dez horas e meia da manhã, de 25 de setembro de 1913, João de Meira falecia em Gominhões e cumpriam-se as suas últimas vontades: a toga de lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto como mortalha, a missa na Capela da Nossa Senhora do Bom Despacho e a entrega dos sufrágios pela sua alma a instituições de caridade de Guimarães. O funeral mobilizou centenas de pessoas vindas de vários pontos da região norte, tendo havido discursos de despedida em nome da Faculdade de Medicina do Porto (Dr. Augusto Brandão), da Sociedade Martins Sarmento (Domingos Leite de Castro) e dos médicos vimaranenses (Dr. Pedro Guimarães).

Quanto ao enterro foi sepultado no adro da referida capela, sob a mesma lápide talhada para o Rev. Manuel José de Meira em que repousavam o filho, o irmão e outros familiares. Esta só mais tarde seria alvo da remodelação que hoje se conhece, com a colocação de três lápides sepulcrais na galilé, sendo uma delas reservada em exclusivo à sua memória, nele de inscrevendo um dos seus últimos poemas: *À Senhora do Bom Despacho de Gominhões*. Uma versão mais popular de um outro soneto intitulado *À Senhora da Boa Nova da Leça da Palmeira*, remetido em maio para Maximiano Lemos em maio, como sendo um original de António Nobre encontrado no velho solar da família.

#### 4. João de Meira: um epílogo de homenagem

Cumprida esta evocação ao centenário do falecimento de João de Meira, pode-se constatar que os laconismos históricos há muito se enredaram nos testemunhos daqueles que anteriormente o recordaram... Só assim se pode conceber as afirmações vexatórias à sua brilhante erudição histórica e literária, sobrevindas logo nos anos de 1920, de que não seria mais do que um mero plagiador ou até um médium que incorporava os espíritos do além para os imitar com tamanha perfeição e convicção (VASCONCELOS, 2015)!

O esquecimento talvez não tenha sido mais perigoso graças às intervenções posteriores asseveradas em retratos, toponímias, homenagens e publicações póstumas, quer de J. A. Pires de Lima e Luís de Pina, este como professor catedrático da História da Medicina no Porto e um vimaranense de alma e coração, quer desta Sociedade Martins Sarmento que o conserva fielmente entre os seus grandes beneméritos e que publicou algumas das suas obras nos anos mais recentes.

Não será afronta reconhecer que as parcas três décadas de vida de João de Meira negaram-lhe um reconhecimento maior na Cultura e Ciência portuguesas da primeira metade do século XX, travando o desenvolvimento prometido pelo significativo conjunto de escritos por si legados. Porventura, não estará ainda esgotada a descoberta de inéditos seus em manuscritos e periódicos portugueses, nomeadamente entre o valioso acervo documental da Sociedade Martins Sarmento, o que mereceria uma análise mais profunda da sua produ-



ção intelectual para que o nome de João Monteiro de Meira possa enfim resistir à eternidade, tal como por ele desejado:

*«E pois não lembra quem desaparece,  
Dizei ao povo não me esqueça, não;  
Que minh' alma também não o esquece.» (Monteiro, 1925: 79).*

## Bibliografia

- ALMEIDA, Thiago d' (1908), Anuario da Escola Medico-Cirurgica do Porto – ano lectivo de 1907-1908. Typ. Industrial Portuguesa, Porto.
- ARAÚJO, Francisco Miguel (2013), “João de Meira”, in António Amaro das Neves (coord.), *Biografias Vimaraneses*. Fundação Cidade de Guimarães e A Oficina, Guimarães, 299-334.
- COSTA, Joaquim (1921), “João de Meira. Uma página de memórias”, *Revista de Guimarães*, 31 (3), 153-157.
- LEMOS, Maximiano (1921), “Prof. João de Meira”, *Revista de Guimarães*, 31 (3), 165-175.
- LIMA, J. A. Pires de (1921), “João de Meira. Notas bibliográficas”, *Revista de Guimarães*, 31 (3), 158-162.
- LIMA, J. A. Pires de (1947), *A meu ver...*. Livraria Simões Lopes, Porto.
- MEIRA, João de (1921), “Guimarães – 950-1580 (conferência inédita de João de Meira)”, *Revista de Guimarães*, 31 (3), 119-151.
- MEIRA, João de (1981), *Eusébio Macário em Guimarães*. Irmandade de Nossa Senhora do Bom Despacho, Braga.
- MEIRA, João de (2002), *Gil Vicente: Jubileu de Amores – 1550, por Seara Alheia*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães
- MEIRA, João de (2009), *Sherlock Holmes no Porto, por Donan Coyle*. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- MEIRA, João Monteiro (1907), *Concelho de Guimarães: estudo de demographia e nosografia*. Typ. Guedes, Porto.
- MEIRA, João Monteiro de (1908), *O Parto Cesareo: sua historia, sua technica, seus accidentes e complicações, suas indicações e prognostico*. Typ. Industrial Portuguesa, Porto.
- MEIRA, João Monteiro de (1910), *Maravilhas da Vida: estudos de philosophia biologia, para servirem de complemento aos Enigmas do Universo (tradução de Ernst Haeckel)*. Livraria Chardron, Porto.
- MEIRA, João Monteiro de (1911), *Reincidencia*. Typ. Enciclopédia Portuguesa, Porto.
- MEIRA, João Monteiro de (1915), “Oração de Sapiencia de 1912-1913”, in Bastos, *Anuario da Escola Medico-Cirurgica do Porto – ano lectivo de 1913-1914*. Typ. Enciclopédia Portuguesa, Porto, XVII- XXXIV.
- MONTEIRO, Hernâni (1925), *História do ensino médico no Porto: suplemento*. Typ. Enciclopédia Portuguesa, Porto.
- PINA, Luís de (1963), “João de Meira nas Letras e na Medicina”, *Revista de Guimarães*, 73 (3-4), 405-436.
- VASCONCELOS, Manuela (2015), *Movimento Espírita Português & alguns vultos: tentativa histórica do Movimento Espírita em Portugal, desde os seus primórdios até ao momento actual*. Federação Espírita Portuguesa, Amadora.